



## **O Lugar Da Velhice Na Sociedade De Consumo<sup>1</sup>**

Malu Fontes<sup>2</sup>

Faculdades Jorge Amado - FJA

### **RESUMO**

Abordam-se aqui as interfaces entre dois fenômenos da atual condição identitária e corporal do sujeito: de um lado, os modos como a sociedade de consumo adere a um projeto de culto à juventude e à boa forma física. De outro, as transformações do cenário demográfico mundial, decorrentes do envelhecimento da população em sua dupla face: pelo aumento do número de velhos proporcionalmente à população jovem e pelo alongamento da velhice em cerca de 20 anos, já que a expectativa de vida passou de 60 para 80 anos. Este texto analisa em que medida são conflitantes os discursos da cultura contemporânea, na mídia, sobre a juventude como ideal etário, e os discursos do campo da saúde, farmacologia, biotecnologia e das políticas público-governamentais em torno do prolongamento da vida e da promoção e afirmação da condição da velhice.

**Palavras-chave:** sociedade de consumo; velhice; juventude; mídias; comunicação.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP Comunicação para a Cidadania, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom

<sup>2</sup> Jornalista, mestre e doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia; professora das Faculdades Jorge Amado (BA); pesquisadora associada da ONG ANIS – Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero. [maluzes@gmail.com.br](mailto:maluzes@gmail.com.br)

## O Lugar Da Velhice Na Sociedade De Consumo

“A cidade de Leônia refaz a si própria todos os dias: A população acorda todas as manhãs em lençóis frescos, lava-se com sabonetes recém tirados da embalagem, veste roupões novíssimos, extrai das mais avançadas geladeiras latas ainda intactas, escutando as últimas lengalengas do último modelo de rádio. Nas calçadas, envoltos em límpidos sacos plásticos, os restos da Leônia de ontem aguardam a carroça do lixeiro. [...] mais do que pelas coisas que todos os dias são fabricadas, vendidas, compradas, a opulência de Leônia se mede pelas coisas que todos os dias são jogadas fora para dar lugar às novas. Tanto que se pergunta se a verdadeira paixão de Leônia é de fato, como dizem, o prazer das coisas novas e diferentes, e não o ato de expelir, de afastar de si, expurgar uma impureza recorrente. O certo é que os lixeiros são acolhidos como anjos e a sua tarefa de remover os restos da existência do dia anterior é circundada de um respeito silencioso, como um rito que inspira devoção, ou talvez apenas porque uma vez que as coisas são jogadas fora, ninguém mais quer pensar nelas.” (CALVINO, 2000, p. 105).

O texto acima, da obra de Ítalo Calvino, *As Cidades Invisíveis*, traduz, embora de maneira metafórica, a neofilia<sup>3</sup> contemporânea que caracteriza a sociedade de consumo: o fascínio pelo novo e pelo efêmero, de um modo tal que extrapola os limites do ato de consumir em si e se estende às esferas da vida privada e às práticas cotidianas. Configurado em grande medida à imagem e semelhança da lógica do mercado, o conjunto das práticas culturais do nosso tempo parece reafirmar ininterruptamente a juventude e a adolescência como o valor cultural máximo de referência.

Interpretável como um rito de passagem e uma faixa etária privilegiada, na qual podem ser inscritos os mitos das possibilidades infinitas, a juventude é a metáfora ideal da contemporaneidade, um tempo marcado pelo fluxo incessante de informações, mudanças, instabilidades e transformações, situação ilustrada pelas palavras de Gilles Lipovetsky, para quem o modo contemporâneo de organização da vida e do mundo assemelha-se ao sistema da moda, onde tudo muda, incessantemente, todo o tempo:

“Dos objetos industriais ao ócio, dos esportes aos passatempos, da publicidade à informação, da higiene à educação, da beleza à alimentação, em toda a parte se exibem tanto a obsolescência acelerada dos modelos e produtos ofertados quanto os mecanismos multiformes da sedução (novidade, hiperescolha, self-service, mais bem-estar, humor, entretenimento, desvelo, erotismo, viagens, lazeres). O universo do consumo e da comunicação de massa aparece como um sonho jubiloso. Um mundo de sedução e de movimento incessante cujo modelo não é outro senão o sistema da moda. Tem-se não mais a repetição dos modelos do passado (como nas sociedades tradicionais), e sim o exato oposto, a novidade e a tentação sistemáticas como regra e como organização do presente.

---

<sup>3</sup> Neofilia é o “amor à novidade, às teorias revolucionárias e concepções culturais originais, aos modos de expressão inovadores” (DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA, São Paulo, Objetiva, 2004, 3008p).

Ao permear setores cada vez mais amplos da vida coletiva, a forma-moda generalizada instituiu o eixo do presente como temporalidade socialmente prevalecente. Enquanto o princípio-moda “Tudo o que é novo apraz” se impõe como rei, a neofilia se afirma como paixão cotidiana e real” (LIPOVETSKY, 2004, p. 60).

Nesse cenário de fascínio absoluto por tudo o que é novo e efêmero, a cultura se volta para a eleição da adolescência como o ideal cultural, embora, paradoxalmente, o mundo nunca tenha tido, proporcionalmente, tantos velhos quanto no início deste século XXI. Graças aos avanços da medicina, da farmacologia, das pesquisas no campo da genética e da instauração governamental de políticas públicas para o cuidado de idosos, tem sido possível prolongar a vida em cerca de duas décadas, se usarmos como referencia as expectativas de vida registradas na primeira metade do século XX. Se há algumas décadas a idade de 65 anos poderia ser considerada como sinônimo de velhice, hoje se multiplica em milhões o número de pessoas que ultrapassam a fronteira dos 80 anos.

O aumento da expectativa de vida da população mundial é, hoje, um fenômeno determinante de um conjunto de mudanças na composição e organização das sociedades. Esse aumento está associado, por um lado, aos avanços no campo da saúde e adquire um sentido ainda mais amplo pelo fato de ocorrer simultaneamente às quedas progressivas das taxas de natalidade e à conseqüente diminuição do número de jovens em todo o mundo, um quadro que exige da cultura, dos Estados, das políticas público-governamentais e das sociedades como um todo, novas formas de lidar com esse cenário demográfico.

Embora a população do mundo tenha conquistado nas últimas décadas cerca de 20 anos de vida a mais, o fato é que a sociedade ainda não encontrou mecanismos e instrumentos para se apropriar de maneira adequada dessa conquista. Essa inadequação de estratégias aplicadas à promoção da velhice abrange desde o mercado de trabalho e até os sistemas previdenciários de todos os países do mundo, que correm o risco de sucumbir à inviabilidade econômica se não elaborarem políticas que retirem o idoso do *locus* de estorvo beneficiário de políticas públicas assistencialistas e não o situarem como uma categoria de cidadãos com contribuições sociais concretas a oferecer.

Nos últimos anos, emergiram discursos, políticas e propostas afirmativas da velhice. No entanto, a realidade social, em suas práticas, ainda não reflete em termos quantitativos e qualitativos a população de velhos hoje existente no mundo. Grosso modo, essa mudança de perfil demográfico nos países em desenvolvimento costuma ser

referenciada apenas de modo superficial nos repertórios culturais, políticos, sociais e, conseqüentemente, midiáticos. A verdade é que as dinâmicas sociais, as políticas públicas e o repertório da comunicação de massa ainda parecem tatear, às cegas, em busca de projetos e modelos que abranjam a inclusão da velhice, como fenômeno e como repertório, e a retirem dos projetos superficiais de positivação que, de modo geral, se inscrevem tão-somente na ordem da semântica, sem alteração do sentido da velhice na sociedade e na cultura. A falta de instrumentos funcionais da sociedade para lidar com o fenômeno do envelhecimento é traduzida na seguinte afirmação do filósofo alemão Frank Schirrmacher:

“Em 99,99% da história da humanidade as pessoas nunca viveram mais que trinta ou 35 anos. A experiência de ficar velho, de viver sessenta anos ou mais, é muito nova. Nossa sociedade foi construída com base na expectativa de vida do século XIX. Nossas instituições, o casamento, o Estado, as empresas e o sistema de previdência, como conhecemos hoje, vêm de uma época em que apenas 3% das pessoas ultrapassavam a barreira dos 65 anos. [...] Os idosos não podem mais ficar em casa, esperando o tempo passar. Nossa velhice não será confortável. Temos que descobrir o que fazer com a segunda vida que ganhamos de presente. [...] Temos de revolucionar o modo como os idosos são vistos e tratados. [...] São tratados como um estorvo, como seres improdutivos, sem memória, maçantes e fracos. [...] Será um mundo em que a metade mais jovem vai rechaçar a metade mais velha” (SCHELP, 2004, p. 11-14).

Enquanto todos os valores e comportamentos culturais vigentes têm como parâmetro uma sociedade de jovens, a demografia do mundo aponta para uma realidade em que a população idosa torna-se majoritária, tornando evidente a dissonância entre a demografia populacional do mundo e a forma como a sociedade, as políticas públicas e a direção do olhar cultural do ocidente estão estruturados. Um exemplo do quanto a velhice não faz parte da agenda cultural contemporânea é o repertório dos discursos midiáticos, majoritariamente ancorados no projeto de eterna juventude, com destaque para o papel da publicidade, cujo discurso é predominantemente condenatório ou jocoso em relação ao conceito de velhice, associado sempre ao desprezível.

Tendo em vista a sua função de agente publicizador de discursos sociais, é fundamental o papel desempenhado pelo complexo de mídias e suas falas no processo de ajuste entre o cenário demográfico e o vocabulário e repertório cultural e social. Sobre esse aspecto, Schirrmacher defende:

“A mudança tem que começar pelas propagandas, pelos filmes e pelos programas de TV. As pessoas mais velhas não podem mais ser retratadas sempre como bizarras, loucas ou patéticas. Precisamos de uma campanha de imagem positiva para o envelhecimento. [...] crianças de 4 anos de idade que nunca viram desenho animado se comportavam naturalmente quando estavam com idosos. Aos 6 anos, depois de assistirem a vários filmes de animação, as

mesmas crianças passaram a ter medo de pessoas mais velhas. Não é à toa. As histórias infantis retratam os velhos como maus, estúpidos ou horríveis. Os jovens não são os únicos que devem mudar o conceito em relação aos idosos. Os velhos também devem modificar a imagem que têm de si mesmos. É preciso amenizar o culto à juventude que existe hoje” (SCHELP, 2004, p. 14-15).

O perfilamento da cultura contemporânea ao ideal etário da juventude é creditado ao fato de, durante boa parte do século XX, os jovens terem sido maioria do ponto de vista demográfico, cenário que nos próximos anos será radicalmente alterado, com o ingresso dessa mesma juventude no universo da velhice, ao mesmo tempo que a redução dos índices de natalidade deixam vazio, em termos numéricos, o espaço deixado pela juventude que envelhece. Para Schirmacher, o culto moderno à juventude passou a existir, de fato, na segunda metade do século XX, no pós-guerra:

“[...] o culto moderno à juventude tem início na segunda metade da década de 40, nos Estados Unidos, quando começaram a nascer os *baby boomers* (nascidos no período de altos índices de natalidade após a II guerra). Eles transformaram a sociedade radicalmente. Em quinze anos nasceram 70 milhões de pessoas. [...] Os *baby boomers* provocaram uma revolução no consumo quando se tornaram adolescentes, porque eram muitos e tinham poder de compra. O culto à juventude surgiu como resultado desse fenômeno econômico” (SCHELP, 2004, p. 15).

Ao dar cores essencialmente econômicas ao fenômeno que deu origem ao culto à juventude no século XX, Schirmacher usa a sua teoria como a deixa para a suposta revolução para a qual aponta, liderada pelo poder de consumo dos mais velhos, sobretudo nos países ricos, onde os sistemas de previdência privados movimentam cifras bilionárias. Sob o seu ponto de vista, assim como os *baby boomers* revolucionaram a moda, o consumo e a tecnologia nas primeiras décadas no pós-guerra, também serão eles, agora aposentados e na condição de “velhos”, que farão uma segunda revolução. Em 20 anos, essa geração estará aposentada e, somente nos Estados Unidos, é uma população que detém hoje 70% do poder de compra, não podendo, portanto, ser ignorada:

Essa será “a geração que dará início à revolução da terceira idade. O que não podemos é esperar ficar velhos para começar a transformar a imagem dos idosos na sociedade. Temos de modificar em poucas gerações um modelo biológico e cultural construído ao longo de milhares de anos” (SCHELP, 2004, p. 13).

Enquanto essa revolução não se concretiza, porém, o fato é que a própria população idosa muitas vezes replica e enfatiza a rejeição ao envelhecimento e dá indícios de observar a si mesma sob uma perspectiva de lamento e melancolia em

relação à própria aparência no passado. Esse sentimento de rejeição certamente é estimulado ou enfatizado por uma cultura corporal que enfatiza a sensualidade jovem, tornando o envelhecimento e a decrepitude física sinônimos de repulsa, negação e rejeição em níveis mais elevados do que seria considerável. É significativa a crença na tese de que os atributos físicos são um poderoso instrumento de afirmação de identidade, visibilidade cultural, ascensão social e felicidade:

“[...] Só dois por cento das mulheres do mundo estão satisfeitas com sua aparência. [...] No Brasil, esse índice é de 6%. [...] O dado mais revelador da pesquisa é o de que o nível de satisfação com a vida, para as mulheres entrevistadas, depende diretamente do nível de satisfação com o corpo. [...] A insatisfação com o peso e a forma física faz com que cada vez mais pessoas amaldiçoem e condenem o próprio corpo” (FONTES, 2004b, p. 10).

O desconforto e a frustração do corpo que se pretende infinitamente jovem e o fato de a biotecnologia ainda não ter conseguido vencer as leis biológicas e deter radicalmente o envelhecimento acentuam-se em um país que cultua a sensualidade ostensivamente. Como os ídolos da população são, de modo geral, os atletas famosos, as estrelas da televisão e os astros da música popular, nos quais boa parte das pessoas depositam a função de orientadores do gosto e do comportamento, é ilustrativa a fala da atriz brasileira Tônia Carrero, considerada, durante muitos anos, como ícone de beleza e cuja idade nunca havia sido revelada.

O texto, publicado em uma revista de celebridades que apresenta um grupo de mulheres como exemplos para todas as brasileiras, ilustra o inconformismo da atriz com o processo natural de envelhecimento e inicia-se com uma contradição. Embora o título afirme que atriz *assume os 81 anos ‘sem dor’* (sic), o teor da fala de Carrero é não apenas uma negação explícita dessa ausência de dor diante da derrota na luta que travou em busca do prolongamento da juventude, como é, na verdade, um lamento contundente diante da inexorabilidade do envelhecimento:

“[...] Acho que nasci tão bonita que ainda não deu tempo de gastar tudo (*risos*). Mas eu sinto muita falta de ser a mulher linda que fui. As pessoas ainda têm essa imagem de mim. Mas eu sei que já passou. Me olhar no espelho passou a ser um sofrimento desde os meus 60 anos. Raramente me sinto bem. Na maioria das vezes, me sinto horrorosa, decadente, sei que estou uma ruína do que eu era. Não mais saio de casa com as pernas ou os braços de fora, tento esconder o que denuncia minha idade. Mas a gente vai se acostumando, a gente se acostuma com tudo na vida. - É difícil assumir a idade? - É muito duro. As pessoas dizem que estou conservada, mas eu sei que pareço que tenho 80 anos. Mas não gosto de ser chamada de senhora, prefiro ser chamada de velha. Sou velha, sim. [...] assumir os 80 anos me afastou de amores. [...] Não tem mais homem nenhum

que se interesse por uma velha. Depois dos 60, tive uns namorados, mas tudo porcaria. Nenhum à altura dos maridos e amantes que tive” (SALCEDO, 2004).<sup>4</sup>

A leitura que Carrero faz da própria velhice não é outra senão o reflexo do projeto de beleza que ela alimentou ao longo da vida. A adoção maciça da cultura jovem pelos produtores de artes e espetáculos erigiu e projetou no jovem “um modelo único de homem” (MEZAN, 1998, p. 5-6). As práticas que compõem esse projeto ancorado no corpo jovem como modelo desejável por todos abarcam um conjunto de estratégias que visam a tornar cada um gestor da própria corporeidade, de um modo tal que o envelhecimento, a flacidez e a decrepitude são apresentados como fracassos pessoais:

“Cada indivíduo torna-se, então, o gestor de seu próprio corpo. O body building e a constelação de práticas que se desenvolveram no mesmo período e que se parecem com ele de perto, ou de longe - jogging, aeróbica, regimes de baixas calorias, ou ainda o desenvolvimento sem precedentes da cirurgia plástica” (COURTINE, 1995, p. 86).

Uma das mais importantes ideologias corporais vigentes na sociedade de consumo é a de que o indivíduo é totalmente responsável pela corporeidade que tem. Há, na sociedade contemporânea, um fenômeno batizado de mito do controle corporal, cuja característica é a objetificação e idealização do corpo, visto como um instrumento para se chegar ao topo da ascensão e do reconhecimento pessoal (FONTES, 2004). Mediante uma série de práticas sociais, o mito do controle do corpo estabelece demandas que levam o indivíduo não apenas a assumir o controle sobre o próprio corpo, mas a voluntariamente transformá-lo em um instrumento perfeito, o que acaba por fazer com que os corpos que fogem do “controle” de seus donos e que representam desvios do projeto do corpo ideal provoquem sentimentos de repulsa, rejeição, vergonha e medo (WENDELL, 1996, p. 85).

Suzan Wendell, uma teórica do campo dos estudos da deficiência, lança mão de conceitos como corpo rejeitado e corpo negativo para classificar aqueles aspectos da vida corporal (doença, deficiência, incapacidade, debilidade, velhice e morte), da aparência física (os desvios comuns dos padrões corporais sociais vigentes) e da experiência corporal (incluindo a maioria das formas de sofrimento físico) que são temidos, evitados, ignorados, desprezados e/ou rejeitados na sociedade e na cultura

---

<sup>4</sup> SALCEDO, A. Tônia Carrero: exemplo para mulheres de todas as gerações, atriz assume 81 anos sem dor. **Caras**, ano 11, n. 10, ed. 539, 05 mar. 2004. Nota: a revista **Caras** não numera suas páginas. Disponível em: <[http://www2.uol.com.br/caras/539/frame\\_semana.htm](http://www2.uol.com.br/caras/539/frame_semana.htm)>. Acesso em 10 mar. 2004.

vigentes e parte do pressuposto de que a idealização e objetificação do corpo contribui para as demandas culturais segundo as quais o corpo pode ser objeto de controle.

“Um dos maiores obstáculos para se chegar a um consenso sobre a plena realidade da vida corporal é a ampla difusão do mito de que o corpo pode ser controlado. Contraditoriamente, as pessoas adotam o mito do controle corporal em parte porque ele promete a proteção contra a ameaça representada pelo corpo rejeitado. A essência do mito do controle é a crença no fato de que é possível, mediante a adoção de algumas práticas e ações, ter o corpo que desejamos e prevenir doenças, deficiências e a morte. Como todos os mitos, ele contém algo de verdade. O que o torna um mito é o fato de as pessoas se apegarem a ele mesmo quando há evidências inegáveis contra ele e quando a maioria de suas versões são formuladas de tal modo que tornam-se indestrutíveis diante das evidências que o negam (WENDELL, 1996, p. 93-94).

Como ressalta Wendell, o mito segundo o qual o corpo pode ser controlado é parte da concepção geral do projeto científico moderno do ocidente, segundo o qual a natureza pode ser controlada. No universo da medicina, no qual uma das características é a dificuldade intrínseca aos médicos de lidar com a perda de controle sobre a condição dos pacientes e no qual a morte representa, grosso modo, um fracasso técnico, o mito do controle adquiriu tanta força que, de certo modo, está impresso até mesmo nas doenças graves e cientificamente diagnosticadas. Ou seja, muitas vezes, mesmo de forma indireta, costuma-se atribuir aos próprios pacientes, sob a rubrica “somatização”, a responsabilidade, involuntária que seja, pela existência de uma doença, mesmo as doenças mais graves, como o câncer.

Nesse contexto, a velhice e seu prolongamento representam, a um só tempo, o fracasso e o sucesso do projeto científico moderno, cuja meta é a chamada saúde perfeita, o controle de todas as formas de moléstia e depreciação do corpo humano (SFEZ, 1996). Ou seja, ao mesmo tempo que a ciência consegue adiar cada vez mais a morte ao prolongar a velhice, ainda fracassa ao não conseguir manter no corpo os traços da juventude e do vigor. O progresso conquistado no domínio do seqüenciamento genético do DNA, no entanto, acena, mesmo que a longo prazo, para uma redefinição das características da velhice.

Uma das estratégias usadas pela sociedade para revelar seu desejo narcísico de ser cada mais jovem é o vestuário. No final da década de 80, os ingleses cunharam a expressão “adultescente”. Nos anos 2000, o conceito ganhou uma categoria do tipo irmão mais novo, a expressão kidults. A adultescência refere-se a uma faixa etária que vai dos 20 aos 40 anos e relaciona-se a pessoas adultas, maduras, geralmente já inseridas no mercado de trabalho e já com relações matrimoniais estáveis ou desfeitas,

mas que se vestem, se comportam e agem como adolescentes. A adultescência é definida da seguinte forma:

“Neologismo surgido na Inglaterra. Expressa a permanência dos valores adolescentes na vida adulta com charme lingüístico e pertinência. Adultescente - pessoa imbuída de cultura jovem, mas com idade suficiente para não o ser. Geralmente entre os 35 e os 45 anos, os adultescentes não conseguem aceitar o fato de estarem deixando de ser jovens. Verbetes extraídos de ‘Um Glossário para os anos 90’, de David Rowan (Prion)” (VERSIANI, 1998, p. 5-5).

O psicanalista Contardo Calligaris dá um exemplo concreto do que são os adultescentes e cita dois personagens comuns no nosso tempo: os tatuados flácidos e os avôs surfistas:

“[...] o adultescente é um adulto que se faz de adolescente, quem sabe para remoçar, mas também é um adulto que tenta (e consegue) atingir a sua própria idade: a maturidade. [...] O ‘Oxford’ projetava definir o adultescente como a pessoa adulta (particularmente de meia idade) que mantém um estilo de vida próprio de adolescentes. Parece que exemplos não faltam. Tornou-se quase lugar-comum observar que adultos dos anos 80 e 90 (ou seja, os ‘baby-boomers’ chegados aos 40 anos) adotam facilmente modas, comportamento e estados de espírito adolescentes. Aparece assim uma galeria de retratos: são os carecas de rabinho e patins, os flácidos tatuados, os avôs surfe-praianos [...]” (CALLIGARIS, 1998, p. 5).

Já kidult, por sua vez, é um termo resultante da fusão, em inglês, das palavras criança e adulto (kid + adult = kidult = “criançadulto”) e se refere a pessoas maduras que contestam ou até mesmo negam, com seus comportamentos e aparências, as noções de maturidade e autonomia, revelando “a patologia da vida adulta na sociedade contemporânea” (FUREDI, 2004, p. A4). O comportamento dos kidults caracteriza uma atitude de crescente infantilização da cultura contemporânea, que tem se alastrado pela universidade, literatura, tv, cinema e arte em todo o mundo. Sobre o fenômeno de infantilização dos adultos e sobre a adultescência, o sociólogo inglês Frank Furedi, explica:

“A ausência de uma palavra prontamente reconhecida para descrever esses adultos infantilizados demonstra o mal-estar com que esse fenômeno é saudado. [...] publicitários e fabricantes de brinquedos cunharam o termo “kidult” (“criançadulto”). [...] É importante não confundir adultescentes com as pessoas descritas como estando na “meia juventude”. Estas se encontram uma geração à frente dos adultescentes. São pessoas de 35 a 45 anos que se vêem como estando na vanguarda da cultura jovem; elas passam por uma fase conhecida como “mediascência” (“middlescence”), um estado de espírito que resiste ferozmente a tudo o que costuma acompanhar a chegada da meia-idade. [...] Há pouco tempo a Fundação MacArthur financiou um grande projeto de pesquisa intitulado “Transições para a Idade Adulta”, que situa o final dessa transição nos 34 anos. [...] As pessoas sempre procuraram incansavelmente pelo segredo da juventude e [...] desacelerar o inexorável processo de envelhecimento” (FUREDI, 2004, p. A4).

A interpretação de Furedi revela como o sentido do que é e pode ser considerado velho e parte do passado está hoje sendo aplicado, todo o tempo, a objetos, fatos e épocas praticamente recentes. Um exemplo ilustrativo dessa aplicabilidade nova é a forma como os DJs da MTV, emissora de TV voltada para o público jovem, anuncia canções dos anos 80 e 90 como “clássicos”, quando, há alguns anos, o conceito de clássico costumava ser aplicável apenas a produtos cuja existência acumulava várias décadas ou séculos, de modo que a leitura subjetiva do envelhecimento é aplicada cada vez a objetos e fatos recentes:

“Houve época em que a nostalgia era prerrogativa de avós, evocando memórias da Segunda Guerra ou dos anos 1950. Hoje ela é promovida como algo "cool" a ser curtido por pessoas que mal deixaram a fase "teen". Cada vez mais, os "bons velhos tempos" são associados aos anos 1980 ou até mesmo aos 1990” (FUREDI, 2004, p. A4).

Apesar dessa tendência recente de culto a um passado ou memória, mesmo que recentes, é importante ressaltar que a cultura contemporânea continua tendo como uma de suas características o fascínio não apenas pelo novo, recente, mas também pelo futuro. Esse fascínio provado pelo futuro torna facilmente explicável o conflito e a dissonância entre os discursos que revelam o culto a tudo o que é novo e jovem e o discurso hoje em construção que visa a uma abordagem afirmativa da velhice. Parte da explicação para o fato de a sociedade contemporânea ter dificuldade para aceitar a velhice - seja como faixa etária, como a inscrição feita pelo tempo na estrutura corporal biológica dada pela natureza ou como grupo social que tem direitos equivalentes a todos os cidadãos e, portanto, demanda a criação de projetos e políticas públicas que sejam realmente inclusivas - está no fato de a nossa cultura estar essencialmente voltada para o presente e o futuro.

A sociedade contemporânea e seus elementos preponderantes, como a ciência, fortemente ancorada na tecnobiologia, a medicina e os comportamentos sociais, estão, em larga escala, centrados no individualismo, no exercício do hedonismo, no gozo dos prazeres efêmeros e imediatos e, principalmente, na ansiedade gerada pela crença na possibilidade de um futuro praticamente pós-humano, prometido pela tecnobiologia. Nesse cenário, o velho é um elemento dissonante, um indivíduo trafegando irreversivelmente na contra-mão das infovias que levam ao futuro. Os elementos fundantes e estruturais da identidade do indivíduo na velhice são, comumente, a

memória e o passado, ambos habitados, na maioria das vezes, por objetos que já não existem no mundo e por pessoas que já morreram:

“O tempo da memória segue um caminho inverso ao do tempo real: quanto mais vivas as lembranças que vêm à tona de nossas recordações, mais remoto é o tempo em que os fatos ocorreram [...]. A dimensão na qual o velho é o passado. [...] Quando percorremos mais uma vez os lugares da memória, os mortos perfilam-se em torno de nós em número cada vez maior. A maior parte dos que nos acompanharam já nos abandonou. Mas não podemos apagá-los como se não tivessem existido. [...] A velhice passa a ser, então, o momento em que temos plena consciência de que o caminho não apenas não está cumprido, mas também não há mais tempo para cumpri-lo, e devemos renunciar à realização da última etapa” (BOBBIO, 1997, p. 30-31).

Na encruzilhada entre o hedonismo da cultura contemporânea ancorada no ideal de juventude, as leituras pejorativas que a sociedade faz da condição do velho e o crescimento da população idosa mundial, um dos desafios do século XXI será a construção de uma sociabilidade que reduza as arestas e os impasses, aparentemente inconciliáveis, entre essas três perspectivas. Apesar do surgimento de políticas afirmativas para a velhice, o fato é que a sociedade mantém o velho à margem do seu funcionamento e não tem soluções para a sua inserção. Ou seja, ao não dispor de estruturas sociais habilitadas para resignificar, efetivamente, os papéis dos velhos, a sociedade, na prática, continua condenando-os ao isolamento dedicado aos morimbundos:

“[...] a experiência de envelhecer e agonizar, que nas sociedades antigas era organizada por instituições e fantasias públicas tradicionais [...] tende a ser ofuscada pelo constrangimento nas sociedades posteriores. Talvez, ao apontar para a solidão dos morimbundos, fique mais fácil reconhecer, nas sociedades desenvolvidas, um núcleo de tarefas que continuam por fazer” (ELIAS, 2001, p. 103).

E é justamente nesse núcleo de tarefas por fazer, em relação à velhice e à reinterpretação que ela hoje reivindica, que os meios de comunicação de massa, na condição de agentes publicizadores de boa parte dos discursos que estruturam a sociabilidade contemporânea, têm uma função determinante: incluir a velhice e seus desdobramentos temáticos em sua pauta, afirmando-a ou debatendo os critérios que fazem com que ela seja tratada a partir da ótica da rejeição, da condenação ou da caricatura, como é comum na pauta discursiva midiática vigente.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALLIGARIS, C. A adolescência. São Paulo: Publifolha, 2000. 81p.
- CALLIGARIS, C. A sedução dos jovens. Folha de S. Paulo, São Paulo, 20 set. 1998. Caderno Mais!, p. 5.
- CALVINO, I. As cidades invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 150p.
- COURTINE, J. J. Os Stakhanovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, D. B. (Org.). Políticas do corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. 190 p.
- FUREDI, F. Não quero crescer. Folha de S. Paulo, São Paulo, 25 jul. 2004. Caderno Mais!, p. A-4.
- BOBBIO, N. O tempo da memória: de senectute e outros escritos autobiográficos. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997. 205p.
- ELIAS, N. A sociedade dos morimbundos: seguido de envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 107p.
- FONTES, M. Corpos canônicos e corpos dissonantes : o corpo feminino deficiente em oposição aos padrões corporais idealizados vigentes nos meios de comunicação de massa. 2004. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Comunicação. Salvador : UFBa, 2004a. 221p.
- FONTES, M. Bendito e maldito corpo. A Tarde, Salvador, 26 set. 2004b. Revista da TV, p. 10.
- LIPOVETSKY, G. Os tempos hipermodernos. São Paulo: Barcarolla, 2004. 129p.
- SALCEDO, A. Tônia Carrero: exemplo para mulheres de todas as gerações, atriz assume 81 anos sem dor. Caras, ano 11, n. 10, ed. 539, 05 mar. 2004. Disponível em: <[http://www2.uol.com.br/caras/539/frame\\_semana.htm](http://www2.uol.com.br/caras/539/frame_semana.htm)>. Acesso em: 10 mar. 2004
- SCHELP, D. A ditadura dos jovens. Veja, São Paulo, 18 ago. 2004. Edição 1.876, ano 37. n. 33, p. 11-15.
- SFEZ, L. A saúde perfeita. São Paulo: Loyola, 1996. 408p.
- VERSIANI, I. Termo 'adulescência' apareceu em tablóides britânicos. Folha de S. Paulo, São Paulo, 20 set. 1998, Caderno Mais!, p. 5-5.
- WENDELL, S. The rejected body: feminist philosophical reflections on disability. London: Routledge, 1996. 206p.